



Entre expectativas e representações: a experiência da Escola Experimental Maria Montessori (1952-1953)

João Paulo de Souza Silva

Professor da Rede Municipal de Curitiba, na Escola Municipal CEI Augusto Cesar Sandino

Doutorando em Educação – PPGE/UFPR

E-mail: jpaulodesouza@hotmail.com

RESUMO

Este artigo busca analisar o período inicial da história da Escola Experimental Maria Montessori, atual Escola Estadual Maria Montessori. Buscamos apresentar as representações da escola que serviu de laboratório para as práticas pedagógicas das estudantes normalistas para o trabalho nas escolas rurais. A instituição se caracterizou como uma das experiências de modernização educacional dos anos 1950, caracterizadas pela transição entre a educação baseada em fundamentos filosóficos, desenvolvida por eruditos educadores, e a educação baseada em fundamentos científicos, realizada por especialistas.

Palavras-chave: Educação, Escola Rural, Educação no Paraná, Modernidade.



INTRODUÇÃO

No contexto da década de 1950, Curitiba se converteu em um grande centro e o então governador Munhoz da Rocha Neto marcava o Paraná através de uma série de obras e ações voltadas para a modernização da cidade, tais como a abertura de grandes avenidas, a construção do Centro Cívico em 1952, o início da edificação do Teatro Guaíra no mesmo ano, e a inauguração da Biblioteca Pública Estadual em 1954 (MAGALHÃES, 2001). A fim de dar cabo às suas intenções, Bento alçou a postos governamentais um conjunto de intelectuais e artistas, buscando estabelecer uma aura de modernidade à sua administração. Uma das grandes preocupações desse período esteve vinculada às relações entre cidade e campo, ruralização e urbanização.

Contudo, é no ano de 1953, com as comemorações do centenário de emancipação política do Paraná, que as representações do “Paraná moderno” surgiram, em função do contexto em que o país se inseria (período de transformações e urbanização intensa), mas também pelo interesse do governo de Bento Munhoz da Rocha Netto¹, em constituir tal imagem.

No presente trabalho buscamos estabelecer uma análise sobre a constituição da Escola Experimental Maria Montessori, situada no bairro Tingui, na região norte da cidade de Curitiba (1952), correlacionando com as ideias em voga acerca do ensino rural e de modernização.

Entendemos que a modernidade se apresentou na sociedade não como algo definitivo, mas sim como uma construção incessante, procurando suas bases num conjunto de proposições, que em comum, possuem a busca da racionalidade.

Era com o desenvolvimento pleno da racionalidade que a humanidade alcançaria a “libertação das irracionalidades do mito, da religião, da superstição, liberação do uso arbitrário do poder, bem como do lado sombrio da nossa própria natureza humana” (HARVEY, 1999, p. 23).

Estas formulações não se restringiam a uma simples especulação teórica. Formas sociais, arquitetô-

nicas, educacionais foram estruturadas de modo a permitir que esta nova etapa da sociedade se efetivasse.

Contraditoriamente, essa mesma modernidade apresenta em si a degradação da condição humana, a desumanização e muitas vezes uma total confusão ou desordem, em que pese a busca de padrões e domínio do espaço e do tempo. Assim,

as possibilidades são ao mesmo tempo gloriosas e deploráveis. ‘Nossos instintos podem agora voltar atrás em todas as direções; nós próprios somos uma espécie de caos.’ O sentido que o homem moderno possui de si mesmo e da história ‘vem a ser na verdade um instinto apto a tudo, um gosto e uma disposição por tudo’ (BERMAN, 2007, p. 32).

Devido a esse caráter, a modernidade, embora assentada em valores como a racionalidade e o controle, traz consigo possibilidades de maior liberdade, de experimentação e criação. Esse percurso inclui a adaptação ao mundo para a construção de mundos novos, a razão que descobre as ideias eternas para a ação que, racionalizando o mundo, também liberta o sujeito e o recompõe. (TOURAINÉ, 1994, p. 243)

Cabe ressaltar que o ensino agrícola pode ser analisado sob diversos aspectos, sendo aqui observado um ideário modernizador/civilizador da vida rural que tinha no controle das comunidades rurais um de seus elementos constituintes.

Procuramos analisar a atuação da diretora do Instituto de Educação do Paraná, Eny Caldeira, e de seus pares, na condição de intelectuais, uma vez capazes de organizar um discurso que atendia às necessidades, anseios e questionamentos do período em que viviam (OLIVEIRA, 1980, p. 52). Entendemos, portanto, a categoria de intelectual, como aquele que possui a capacidade de mobilizar diferentes setores da sociedade em torno de uma causa ou ideal, conferindo à obra daquele agente a capacidade de síntese da mentalidade do grupo social que representa.

A constituição da Escola Experimental Maria Montessori se insere numa dessas situações, onde a figura de Eny Caldeira, em razão do cargo oficial ocupado e circunstâncias favoráveis, possibilitaram empreender ações oficialmente modernizadoras na educação das normalistas e das crianças, que culminaram com a instituição objeto deste estudo.

O corpo documental analisado aqui corresponde, primeiramente, aos relatórios e atas da Escola Experimental Maria Montessori e do Instituto

¹ Bento Munhoz da Rocha Netto (Paranaguá PR 1905 – Curitiba PR 1978). Engenheiro civil, foi professor na Universidade Católica do Paraná e na Universidade Federal do Paraná. Foi deputado por dois mandatos e governador do Estado (1951-1955). Como escritor, deixou diversas obras publicadas, especialmente de cunho sociológico, histórico e didático. (DICIONÁRIO, 1991, p. 301-304)

de Educação do Paraná, órgão ao qual a primeira se subordinava, e no qual Eny Caldeira estava à frente da direção. Em especial, o Relatório de 1954 do Instituto de Educação, onde são detalhadas diversas ações, entre elas, algumas desenvolvidas na Escola Experimental. Além desses documentos há menção à Escola nos livros *Paraná Vivo*² (1953), de Temístocles Linhares e os livros *A Educação é direito de todos* (1952), *A Educação no Paraná (Síntese sobre o ensino público elementar e médio)* (1954) e *Direito à educação*³ (1960) de Erasmo Pilotto.

Também foram empregados os Boletins da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Paraná daquele período, onde pudemos observar as representações acerca da educação rural, do papel da educação dentro do processo civilizador discutido à época e a repercussão do desenvolvimento dessa instituição, dentro do cenário educacional local.

O contexto e as expectativas na criação da Escola Experimental Maria Montessori

Na década de 1950, a questão da urbanização estava colocada como um dos problemas nacionais, e tais discussões atingiam o Paraná, estado que vivia um surto de desenvolvimento econômico, justamente em função da atividade agrícola, por meio da ocupação de fronteiras agrícolas do estado, principalmente a oeste e ao norte do estado (NADALIN, 2001, p.33-35).

Abria-se uma questão: o Paraná precisava levar a “civilização” ao campo. Todavia, não podia prescindir do campo para seu desenvolvimento econômico e sua inserção no cenário nacional. Essa era uma discussão em voga e na qual educadores como Eny Caldeira também se inseriam, pois, como afirma Vieira (2001, p.56):

São os intelectuais os principais responsáveis por traduzir em termos teóricos e, sobretudo, nos marcos de um plano de ação política, os objetivos almejados pelos diferentes grupos e classes sociais que disputam a hegemonia na sociedade, isto é, as funções de domínio e de direção cultural (VIEIRA, 2001, p. 56).

A educação para as populações rurais foi tema de importantes discussões que já vinham do governo anterior de Moysés Lupion, principalmente por meio

de Erasmo Pilotto, no período em que assumiu a pasta da educação estadual. As experiências de Erasmo Pilotto possibilitaram a constituição de escolas de formação de professores mais próximas das regiões agrícolas e da população rural.

Oficialmente, a ideia de uma escola experimental para a preparação de professoras para a educação no campo teve sua origem na Semana Educacional realizada em Palmas, quando, em mesa redonda, foram discutidos, na presença do então Senhor Secretário de Educação e Cultura, Dr. João Xavier Viana, os problemas que afligiam o Magistério Paranaense (IEP, 1954, p. 11).

Segundo Eny Caldeira, foi no encontro realizado em julho de 1952, onde se reuniram professores primários na Escola Normal Regional de Palmas, que ela teve:

a oportunidade de ouvir o relato simples, mas teci-do da mais transparente verdade, dos professores primários presentes que contavam uma realidade que desconhecíamos. Uma grande tomada de consciência - A NOSSA NORMALISTA ESTAVA DIVORCIADA DA REALIDADE DO MAGISTÉRIO PARANAENSE - o seu estágio no interior obrigatório após o término do curso, exigiria uma formação diferente, capaz de dar-lhe maior segurança na compreensão educacional, de fazê-la capaz de elevar uma mensagem viva que sintonizasse com os anseios daquela gente. (IEP, 1954 p. 11-12)

Essa preocupação, aliada ao bom cenário encontrado por Eny Caldeira, durante a gestão de Munhoz da Rocha Neto, possibilitou a criação da escola, proclamada, segundo Linhares, como um dos fatos inéditos da pedagogia paranaense e que marcou o ano de 1952. O autor comentou que a entrega feita ao Instituto de Educação, pela Secretaria de Educação e Cultura, da Escola Experimental Maria Montessori, situada fora do quadro urbano, daria às normalistas oportunidades de pesquisa, observação e trabalho num ambiente que não se distanciava muito daquele encontrado nas escolas do interior (LINHARES, 1953b, p. 299).

Por outro lado, é possível que além da referência das ideias de Erasmo Pilotto, da experiência da Semana Educacional em Palmas, e de suas próprias

2 “Paraná Vivo”, publicado em 1953 (ano do centenário da emancipação política do estado) e reeditado em 1985 pela mesma editora mereceu ainda uma nova impressão em 2000 pela Imprensa Oficial do Paraná. Nele, o estado do Paraná é retratado sob aspecto social, econômico e político, com retrospectiva histórica e tendências futuras e é considerado um documento marcante de uma época de esforços visando à modernidade e estímulo ao desenvolvimento. (Nota do Autor)

3 O primeiro referente às reflexões acerca da educação pública no Paraná, com muitas referências ao ensino rural, fruto do curto período em que Pilotto assumiu a Secretaria de Educação e Cultura do Estado (1949), o segundo realizado dentro do esforço de análise da educação nacional, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, sendo a terceira publicação da Campanha de Inquéritos e Levantamentos do Ensino Médio e Elementar (CILEME) e o terceiro título, no qual Pilotto explicita suas posições acerca da educação enquanto direito de todos e sua experiência à frente da Secretaria de Educação do Paraná, não no sentido de uma mesma educação à todos, mas de uma educação dimensionada e planejada para cada grupo e contexto social.

experiências⁴, que os trabalhos realizados em Viani⁵, na Colômbia, tenham a motivado a buscar constituir um trabalho nesses moldes. Eny Caldeira assim se manifestou em artigo acerca do papel das escolas rurais:

Iniciarei este plano fazendo um comentário do grande trabalho realizado em Viani, na Colômbia. Este trabalho, publicado pela UNESCO (Organização das Nações Unidas pela Educação, Ciência e Cultura), foi um dos temas que muito impressionou por ocasião de um estágio que realizei em Paris, em colaboração com 39 representantes de diferentes países do mundo. Ressaltei este fato para confirmar às professoras presentes que o problema que hoje levantamos é problema do mundo e, portanto, não estamos só nesta jornada de luta pelo progresso. (CALDEIRA, 1953b, p. 249-250)

Ao tomar o trabalho desenvolvido na Colômbia como referência, havia uma tentativa de legitimar seu discurso pela comparação com uma experiência que contava com o aval da Unesco, o que conferia uma condição especial à constituição de tal escola e aos posicionamentos ali assumidos. Ao relembrar sua formação realizada na Europa, entendemos que a intenção de Caldeira dada ao ato de fala ou a força de ilocucionária desse ato de fala é o de estabelecer sua fala como o discurso da verdade, ou até mesmo como a verdade, assegurada pelo predomínio da ciência e da técnica e que se validaria em razão de sua formação.

No entanto, todas essas ações partiam do desejo legítimo de estar em sintonia com o moderno, mobilizando intelectuais a partir da crença no poder ilimitado da razão, na inexorabilidade do *télos* do progresso e na potencialidade da ciência para interpretar e intervir sobre o mundo natural e social, elementos que produziram a atmosfera intelectual da modernidade que, em diferentes ritmos temporais e a partir de tradições diversas, perpassou diversas instâncias sociais e culturais (VIEIRA, 2007, p. 380).

Nesse contexto, em um terreno de 2500m², com quatro salas de aula e três salas para administração, em três de setembro de 1952 foi inaugurada a Escola Experimental Maria Montessori, contando com a presença do governador Bento Munhoz da Rocha Neto, do Secretário da Educação, Dr. João Xavier Viana, de alunos e da população. Por meio do Decreto 8.516 de 29/01/1953 foi oficializada a criação da escola. A presença de tais autoridades expressa a importância conferida à inauguração da instituição.

Convém ressaltar a imagem que os organizadores tinham do acontecimento. Para Eny Caldeira,

A criação da Escola Experimental foi uma esperança para os moradores. A alegria foi geral. Assim, em fevereiro de 1953 iniciamos as atividades. Convém notar que demos importância à abertura da Escola. Foi um acontecimento. Todos os bairros adjacentes foram convidados. Registrou-se a presença do Senhor Governador do Estado e das autoridades. Foi rezada uma missa no pátio da Escola. Uma senhora do bairro tomou a seu cargo uma farta distribuição de doces para as crianças já matriculadas, em nº de 247. Cada família mandou qualquer coisa. Este foi um índice louvável da colaboração interfamiliar na vida do bairro. Uma família, cujo o chefe é uma grande criatura, atua como líder no bairro e encarregou-se da churrascada. Todos vieram e festejaram a abertura da Escola (IEP, 1954 p. 13).

Naquele contexto a busca de uma identidade paranaense ainda permeava a classe intelectual local e experiências como a da escola experimental ajudavam a realçar o ufanismo do período, percebido na afirmação de que:

Aquela Escola, que funciona sob a orientação do Instituto de Educação, desta capital, constituir-se-á também num centro de prática pedagógica para as alunas deste Instituto no âmbito da escola rural, fato esse, ao que nos parece, inédito no Brasil (RIBEIRO, 1953, p.113).

Ocupando um prédio na Vila Tingui, periferia de Curitiba, a escola foi criada inicialmente com o objetivo de aproximar e preparar a normalista para a realidade educacional do interior do Estado do Paraná. Para Caldeira (IEP, 1954), eram dois os grandes problemas colocados pela escola: a criança e a terra. Da escola esperava-se que pudesse ajudar no desenvolvimento de:

[...] novas técnicas referentes ao aproveitamento da terra, realizando no plano educacional, por meio do trabalho de equipe, o estudo das comunidades e, ao lado disso, reagindo contra o verbalismo, um dos nossos males mais sérios e enraizados, por conta do qual muitos erros são cometidos e espalhados em toda a imensidão brasileira, paraíso do verbalismo, da demagogia, da oratória vazia, em contraposição a tudo que significa ação e esforço para o trabalho (LINHARES, 1953b, p. 299).

⁴ No início de sua carreira atuou em escolas do interior do Paraná. (Silva, 2013).

⁵ O "Experimento de Viani", como foi denominado na revista El Correo de la Unesco, integrou uma série de atividades na aldeia colombiana de Viani, situada na Cordilheira dos Andes. A partir do apoio técnico da Unesco, com o apoio do governo, dos professores locais e da associação de cafeeiros, foram desenvolvidas atividades para a elevação dos níveis educacionais daquela comunidade e cursos demonstrando aos agricultores novas técnicas agrícolas e desenhos mais apropriados para as plantações (EL CORREO, 1949a, 1949b, 1951).

As publicações da época percebiam a dupla função da instituição recém-criada: não apenas um centro de irradiação da cultura, mas também um instrumento que elevaria o nível daquela comunidade (LINHARES, 1953b, p.300).

Entre os planos para a instituição estavam: transformar a escola num centro de aprendizagem para as normalistas; fazê-la funcionar como um centro socializador atuando no sentido de levantar o nível da comunidade; desenvolver técnicas agrícolas, levando as crianças à aquisição de conhecimentos básicos relativos à construção de hortas, criação de animais domésticos, organização de jardins, cultivo de flores, etc. (IEP, 1954 p.13).

Nota-se que os discursos com referência à Escola e à população da região tomavam como pressuposto a certeza do desejo daquela comunidade de aderir às ações propostas, e mais ainda, a certeza do progresso a partir do desenvolvimento daquelas iniciativas.

Contudo, apesar de toda expectativa com relação à experiência, a realidade não era tão animadora. Uma série de obstáculos aos objetivos propostos foram se somando um a um, o que significou um distanciamento entre as representações acerca da instituição e os resultados obtidos.

Quando expectativas e realidade se cruzam: as dificuldades na Escola Experimental Maria Montessori

Várias foram as dificuldades observadas com relação às expectativas traçadas e a primeira delas era a geográfica: a região era afastada do centro urbano e a malha viária ainda era precária, o que muitas vezes impedia a chegada das normalistas à Escola.

Embora a Escola Experimental objetivasse desenvolver uma série de inovações,

A princípio não foi possível cuidar da terra. O problema

da criança absorveu todo nosso pensamento. Ela precisava de tudo. A perspectiva inicial foi a formação de bons hábitos de saúde, a formação de novas atitudes sociais, a doação gratuita de carinho e compreensão, a formação de um ambiente de solidariedade, compreensão, iniciativa, coragem e estudo. (IEP, 1954 p.13)

Além de todas as carências da comunidade e das crianças, a presença das normalistas se colocava como um desafio prévio. Afinal, por situar-se numa região afastada da cidade, de acesso precário e numa comunidade repleta de dificuldades, é provável que o conjunto desses fatores fossem elementos desmotivadores das estudantes normalistas. No relato delas:

(...) os obstáculos eram geográficos: Uma vez por semana tinha estágio, antes do recreio uma dava aula, depois do recreio outra dava aula. Era uma dupla em cada sala, lá na Maria Montessori (Prof.^a Marli, 2000, apud IWAYA, 2000).

E a realização do estágio trazia desafios maiores que as aulas ministradas às crianças. Afinal, chegar até lá:

Era uma glória. Quem não morava no centro, tinha que vir de casa até o centro. Daí tomava um ônibus do Bacacheri, ia até o ponto final, que era lá um pouco depois da Base Aérea. E ali tinha uma lotação, que ia por uma estrada de barro, de terra até chegar na Escola Maria Montessori. Que parecia que ficava noutro município, de tão longe (Prof.^a Marli, 2000 apud IWAYA, 2000, p.110).

As dificuldades encontradas foram tantas, de tal sorte que a expectativa de cuidar da terra foi prontamente colocada de lado. Os diversos problemas do local absorviam as atenções do grupo, em razão do número de dificuldades e ausências daquele ambiente. As ações se concentraram em oferecer melhores condições para o funcionamento da escola.

As necessidades de implementação da estrutura sanitária e hospitalar, uma das faces da modernização urbana, também eram observadas nos relatórios da Escola Experimental. Tais preocupações estavam presentes nas discussões nacionais já há algumas décadas e talvez em virtude da especialização em educação sanitária realizada por Eny Caldeira⁶ em São Paulo, ficassem tão evidenciadas⁷. No caso da instituição em questão, Eny Caldeira expressava

⁶ Eny Caldeira realizou curso de Educação Sanitária em 1949, na Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo. (SILVA, 2013)

⁷ Por fim, Bourdieu oferece à história intelectual duas premissas metodológicas cruciais: não se pode separar a história das ideias, das ciências e/ou da arte da história social do conhecimento, considerando seus produtores, bem como seus habitus e campos; para compreender a lógica de funcionamento de um campo (espaço social onde são estabelecidos/impostos os critérios de nomeação, de classificação, de distinção) é fundamental estudar o seu processo histórico de formação. (VIEIRA, 2008, p.79-80)

com frequência suas inquietações a respeito:

Os habitantes da região são pobres e vivem sem conforto, a higiene do ambiente é precária. As senhoras não se preocupam com os serviços domésticos. As crianças andam sujas e descalças. Não existe assistência hospitalar no bairro (IEP, 1954 p. 15).

Estavam na pauta do dia a assistência à saúde e o desenvolvimento de especialidades médicas voltadas ao atendimento das necessidades biológicas da população. Buscava-se a organização de tais serviços e a descentralização das ações. Uma das primeiras iniciativas da escola foi solicitar do Serviço de Saúde Escolar, a inspeção de saúde dos alunos matriculados. O trabalho foi realizado por uma equipe de educadoras sanitárias, sob orientação do chefe do Serviço de Saúde Escolar, Dr. Jorge Karam. Foram feitos os exames de rotina e na inspeção verificou-se incidência grande de escabiose⁸ e pediculose⁹. Segundo Caldeira, as professoras contribuíram para sanar os males, não sendo observadas moléstias de pele após a ação das educadoras. (IEP, 1954 p. 12)

Houve uma preocupação com a garantia de serviços de saneamento, que permitiriam melhores condições de vida à comunidade. Assim era descrito o ambiente onde se constituiu a Escola Experimental:

A água – quanto à sua potabilidade é duvidosa. Os moradores depositam lixo nos quintais ou em valetas existentes no povoado. As casas são de madeira e quase todas de quatro cômodos. Tem assoalho de madeira, são cobertas de telhas e raríssimas possuem criações domésticas, horta, veículos, etc. O mobiliário nas residências é escasso. Na maioria das casas não existe cadeiras para todos, assim como camas ou redes, cobertores, etc... Raríssimas senhoras tem máquina de costura. Alguns rapazes possuem bicicletas. Outros se utilizam de ônibus ou lotação para virem à cidade. O analfabetismo é geral. Os que sabem ler fizeram apenas curso primário. Não existe vida social. (IEP, 1954 p. 13)

Apesar da imagem romântica que envolvia a instituição, as ações ali praticadas serviram também para a disseminação de ideais e práticas

educacionais que buscavam o controle social. Ao retratar aquela comunidade como doente, suja e degenerada, justificava-se a afirmação de que é preciso educar para moralizar os costumes, organizar a população dentro do território, homogeneizar escolas e salas de aula, sanear e assim obter o que se pretendia: atualizar o Paraná em relação aos valores requeridos pela organização racional que surgia no pós-guerra.

Essa escola primária rural vem cada vez mais se integrando na sua relevante função socializadora e, principalmente, vem se tornando centro irradiador que beneficiará a população local, conhecendo-lhe os anseios e aspirações, e dando-lhe um sentido de vida e de trabalho, procurando enfim trazer o homem ao conhecimento de si mesmo, do seu meio e das suas possibilidades como fator de produção.” (RIBEIRO, 1953, p. 113)

Em defesa dos intelectuais: as falas em defesa da experiência

O discurso higienista e saneador é uma característica das ações voltadas para a educação rural desde a primeira metade do século XX. No dizer de Carvalho, ações adotadas para “[...] civilizar bárbaros, desinfetar corpos, extirpar vícios, lapidar sentimentos, apurar sensibilidades, moldar gestos, implantar hábitos de civilidade” (CARVALHO, 2002, p.5). Tal discurso substitui as falas acerca da educação do “povo rústico” ou do sertanejo e incorpora as discussões que problematizavam a oposição entre cidade e campo e a necessidade de superação das condições colocadas, pelo planejamento econômico e pela educação (VEIGA, 2007, p. 266).

As falas sobre a educação divulgavam as ideias como expressão do real, numa retórica acerca do que se denominava “problema educacional” e que funcionava como slogan de autenticidade em virtude da reputação das entidades envolvidas (SEEC, IEP, INEP, UNESCO, etc.), enquanto locais re-

⁸ A escabiose (ou sarna) é causada por um ácaro parasita, transmitida de uma pessoa a outra pelo contato direto. A sarna acomete qualquer pessoa, independentemente de raça, idade ou hábitos de higiene pessoal. A doença é caracterizada por uma coceira intensa, principalmente à noite, na região do umbigo, axilas ou entre os dedos das mãos. (SOCIEDADE, 2012)

⁹ A pediculose pode ser confirmada pela presença de lêndeas ou piolhos no couro cabeludo. As lêndeas são os ovos dos piolhos – que ficam agarrados aos fios dos cabelos. Já o piolho é o parasita. (SOCIEDADE, 2012)

servados a intelectuais e técnicos em educação, por meio dos quais se produzia a validação das propostas. Tal postura, antes de se configurar alguma “estratégia de manipulação”, demonstra tão somente a própria essência dos intelectuais, pois ao lado da função cognitiva de organização do pensamento e da transmissão do conhecimento, encontramos no discurso dos intelectuais a função ideológica que tem por finalidade explicar o mundo e fundar um discurso da verdade. (SILVA, 2002, p. 17)

Os discursos, portanto, colocavam-se não apenas para estabelecer a educação como elemento de modernização da sociedade, mas também para definir quais seriam as ações e medidas cabíveis. É o que se percebe nas falas de Eny Caldeira a respeito da reforma que estava incumbida de realizar:

A base social da reforma educativa e social que nós nos propomos é tão necessária em nossos dias, deve construir-se sobre o estudo científico da criança. A pedagogia ressurgirá amparada pela psicologia, desta psicologia aplicada à educação que desvendará o valor de novos métodos. (CALDEIRA, 1953b, p. 250)

A escola e os trabalhos ali desenvolvidos serviram como vitrine pedagógica do Instituto de Educação do Paraná e de Eny Caldeira. A educadora assim se referia quanto à formação das alunas do Curso Normal do Instituto de Educação:

Nos últimos dois meses do presente ano letivo conseguimos porém estabilidade de trabalho. O espírito abnegado dos mestres tem proporcionado um bom preparo da nossa normalista. Com a criação da Escola Experimental Maria Montessori, demos um carácter mais prático na sua formação. (IEP, 1954 p. 17)

Algumas das menções à experiência buscavam conferir notoriedade de feito nacional, o que era compatível com o momento de ufanismo que vivia o estado do Paraná às vésperas das comemorações de seu centenário de emancipação política.

O Brasil viveria, ao longo da década de 1950, dois processos fundamentais, ambos com

grande repercussão sobre o encaminhamento das questões educacionais: um processo de redemocratização, com o fim do regime de Getúlio Vargas, e um processo de desenvolvimento comandado pela chamada segunda industrialização. É dessa época a percepção do país como “Dois Brasis”¹⁰, um arcaico, tradicional, e outro moderno, e a crença em que o desenvolvimento de sua porção moderna levaria à superação de suas contradições.¹⁰

Segundo Giddens (2002, p. 135), diz-se frequentemente que a ênfase dominante da modernidade está no controle, que tem como um de seus significados “a subordinação da natureza aos propósitos do homem, organizados pela via da colonização do futuro”.

Conclusão

Aproveitando da modernização que ocorria localmente nas dimensões econômica e cultural, Eny Caldeira e seus pares buscaram formas de estabelecer representações de modernidade na educação e estabelecerem-se em diversos espaços de poder disponíveis então.

Desse modo, observamos que embora Eny Caldeira tenha se apoiado em métodos psicológicos nas ações do Instituto de Educação e buscado a racionalização e cientificação da educação em experiências como a Escola Experimental Maria Montessori, a educadora também apoiou iniciativas como a criação do Centro Juvenil de Artes Plásticas onde, com outros educadores e artistas, propagava a ideia da livre expressão da criança por meio da produção artística.

Eny Caldeira, por força dos contatos que realizou na Universidade de São Paulo e nos centros educacionais europeus, entrou em contato com uma literatura e um ideal pedagógico que, se não era desconhecido, ainda não havia ganhado grande espaço no sistema público de ensino paranaense.

Participava da mentalidade da sua época e

¹⁰ Os Dois Brasis (1959) é o título de uma obra de Jacques Lambert, integrante da Missão Universitária Francesa que trouxe contribuição às universidades nacionais nos seus primórdios. Lecionou Demografia e Sociologia Política na Universidade do Rio Grande do Sul, em 1937 e 1938, em seguida na Universidade do Brasil (Rio de Janeiro), de 1939 a 1944, permanecendo como expert da UNESCO no Centro Brasileiro de Pesquisas Pedagógicas (CBPE), em 1958. Trata-se de uma das primeiras tentativas de ler o Brasil, por meio de suas contradições de país rico-pobre, moderno-arcaico, urbano-rural. (HAMBURGUER, 1996)

acabou endossando o papel disciplinador da escola e a crença no papel morigerador da educação nas comunidades rurais. No entanto, ao assumir tais falas, deslocava a carência daquelas comunidades para a omissão dos governos na direção da reconstrução das condições sociais e escolares e por esse motivo defendeu a educação como mecanismo de superação de carências que não eram daqueles indivíduos, mas da pouca instrução daqueles indivíduos.

A Escola Experimental Maria Montessori, se não logrou êxito em suas expectativas, ao menos aca-

lentou o sonho de uma modernização do Paraná que não estivesse restrita aos grandes centros.

Como todo intelectual, Caldeira detinha conhecimentos que, além de habilitá-la profissionalmente, lhe permitiram exercer ações não necessariamente restritas à sua profissão. Do mesmo modo, assumiu a missão quase profética dos intelectuais de sugerir possibilidades, apresentar outros horizontes, de buscar a mudança do mundo, papel do qual Caldeira, como que um Dom Quixote de saias, não se furtou de desempenhar.

Referências bibliográficas:

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- _____. **Legisladores e Interpretes: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed., São Paulo: Perspectiva, 2004.
- _____. **A economia das trocas linguísticas: O que falar quer dizer**. São Paulo: EDUSP, 1996.
- _____. **A ilusão biográfica**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.), *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- _____. **O Poder Simbólico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.
- _____. **Razões Práticas. Sobre a Teoria da Ação**. 3. ed. Campinas-SP: Papirus, 1996.
- _____. **Os usos sociais da ciência. Por uma sociologia clínica do campo científico**. Trad. Denise Barbara Catani. São Paulo: Editora da UNESP, 2004b.
- BOURDIEU, Pierre. CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. Trad. João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel, Bertrand Brasil, 1990.
- _____. **A história hoje: dúvidas, desafios, propostas**. Estudos Históricos, v. 7, n. 13. p. 97-113. Rio de Janeiro: Editora CPDOC, 1994.
- _____. **O mundo como representação**. in: Estudos Avançados. [online]. 1991, vol.5, n.11, pp. 173-191. ISSN 0103-4014.
- DICIONÁRIO Histórico-Biográfico do Paraná. Curitiba: Livraria e Editora Chain, 1991.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 8. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- IWAYA, Marilda. **Palácio da Instrução: Representações sobre o Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto (1940 – 1960)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Paraná. Curitiba: 2000.
- MAGALHÃES, Marion Brepohl de. **Paraná: Política e Governo**. Curitiba: SEED, 2001.
- NADALIN, Sérgio Odilon. **Paraná: Ocupação do Território, População e Migrações**. Curitiba: SEED, 2001.
- OLIVEIRA, Dennison. **Urbanização e Industrialização do Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi (coord). **Elite Intelectual e debate político nos anos 30**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1980.
- PILOTTO, Erasmo. **Direito à educação**. Curitiba. Associação de Estudos Pedagógicos, 1960.
- _____. **A Educação é direito de todos**. Curitiba [s.ed], 1952.
- _____. **A Educação no Paraná** (Síntese sobre o ensino público elementar e médio). Campanha de Inquéritos e Levantamentos do Ensino Médio e Elementar (CILEME) Publicação Nº 3. Rio de Janeiro: INEP, 1954.
- SILVA, Helenice Rodrigues da. **Fragmentos da história intelectual: entre Questionamentos e perspectivas**. Campinas, SP: Papirus, 2002.
- SILVA, João Paulo de Souza da. **Percurso entre Modernidades: Trajetória Intelectual da Educadora Eny Caldeira (1912-1955)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba: 2013.
- WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. 10. ed. Editora da UEPG, 2010.
- Ponta Grossa-PR:
- TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Cultura e Educação no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da Educação**. São Paulo: Ática, 2007.

VIEIRA, Carlos Eduardo (org.). **Intelectuais, Educação e Modernidade no Paraná (1886-1964)**. Curitiba: Editora da UFPR, 2007.

Fontes Históricas

CALDEIRA, Eny. Panorama Psicológico Europeu. Boletim da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Paraná. Curitiba, v. 2, n.5, p. 2-5, jan./fev. 1952.

_____. O papel das Escolas Rurais no levantamento do nível da comunidade. In Boletim de Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Paraná. Ano III – Maio-Dezembro de 1953 – N. 12

IEP - Instituto de Educação do Paraná. Serviço de Orientação Infantil. Relatório – 1.954. Curitiba, 1954.

LINHARES, Temístocles. Paraná Vivo. Um retrato sem retoques. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1953.

ESCOLA Estadual Maria Montessori – Atas de exames de admissão 1959-1978

ESCOLA Estadual Maria Montessori – Listas de Exames 1953-1954

ESCOLA Estadual Maria Montessori – Livro Ponto ABR-1957 SET-1957

ESCOLA Estadual Maria Montessori – Livro Ponto ABR-1960 SET-1960

ESCOLA Estadual Maria Montessori – Livro Ponto AGO-1954 MAR-1956

ESCOLA Estadual Maria Montessori – Livro Ponto MAR-1953 FEV-1954

ESCOLA Estadual Maria Montessori – Livro Ponto SET-1959 ABR-1960

ESCOLA Estadual Maria Montessori – Relação do corpo docente e endereços

ESCOLA Estadual Maria Montessori – Relatórios Finais 1953-1973

ESCOLA Estadual Maria Montessori – Relatórios Finais 1954

RIBEIRO, Artur Sá de. Escola Experimental “Maria Montessori”. In Boletim da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Paraná. Ano III – Janeiro-Fevereiro 1953 – nº 10.

RATACHESKI, ALIR. Cem Anos de Ensino no Estado do Paraná. Manuscrito na Divisão Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná. Curitiba: 1953

DIVULGAÇÃO, A. Álbum de Natal do Centenário do Paraná. Curitiba, ano VII, Dezembro de 1953.

ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA – Ed. Comemorativa do Centenário do Paraná. Ano XLIV. Dez/1953, n. 224

PRIMEIRO Centenário da Emancipação Política do Paraná. 1853-1953 Edição do Governo do Estado.

Escola Experimental Maria Montessori em 1952

Fonte: Arquivo do Museu
de Imagem e Som do
Paraná (MIS/PR)

